

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.
Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

Na Índia, em Moçambique e no Brasil: uma história em construção

Adma Muhana¹

Palavras-chave: séculos XVI-XVIII; circulação literária; Brasil colonial; Estado da Índia; domínios portugueses.

A história geral tinha por princípio os grandes impérios, de longa duração, uma história dos ganhadores e seus sucessos. Já há muito o conhecimento da história como escrita, e não como evento, permite-nos compreender práticas, atores e conflitos que determinaram muito do percurso passado, propondo outras relações e conexões – por exemplo, aquelas intercoloniais e entre estratos subalternos. Escrever essa outra história só é possível retornando a arquivos e fontes, os quais guardam correlações pelas quais a História mal se interessava. Este texto esboça o contorno do padre jesuíta José Pereira (1666-1727), um protagonista da história que interliga Índico e Atlântico. Seu contorno foi sendo desvendado em pesquisas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Arquivo

¹ Professora Titular de Literatura Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.
adma@usp.br

Histórico Ultramarino, na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca da Ajuda, no Arquivo Municipal de Évora, no Archivum Romanum Sositatis Iesu (ARSI) de Roma e na documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate da Biblioteca Nacional do Brasil. Depois dessas pesquisas, e embora seu perfil não esteja completo, o que sabemos sobre o personagem ilumina algumas zonas de contato entre o Estado da Índia e o Brasil.

A partir dos Catálogos Trienais dos membros da Sociedade de Jesus da Província de Goa, sabemos que o padre Pereira nasceu em Lisboa em 1666 e entrou na Companhia de Jesus com 14 anos. Admitido em Goa, lecionou humanidades desde a idade de 18 anos, presidindo debates de filosofia. Foi ordenado sacerdote em 1699, aos 33 anos. Ensinou Letras Humanas por um ano. Tornou-se Ministro da Câmara dos Professores, leu Filosofia por dois anos e Teologia Especulativa e Moral por oito anos. Foi Ginasiarca do Liceu Goês e, por duas vezes, Reitor do Seminário de Goa. Atuou sobretudo no Norte do Estado da Índia e em Goa: foi Padre de Salsete, Visitador da Companhia em Goa, vice-Reitor do Colégio de Damão e Reitor do Colégio de Chaul, cargo ao qual renunciou, e do que se desculpou. Aos 50 anos tornou-se Reitor do Colégio de Rachol – o mais importante da Ásia na época (ARSI, Goa 25; Goa 26). Em 1719 – com 53 anos, portanto – seu caráter é descrito no “Catálogo por dotes e qualidades dos membros da Companhia” como alguém que possuía: “excelente engenho, prudência mediana, alguma experiência, boa saúde, complexão sanguínea para colérica, excelente domínio das letras. Talento para os deveres da Sociedade, mas duvidoso para o governo. Estatura comum” (Goa 26, fl.115 n. 15). Tal é o retrato do padre José Pereira, segundo os interesses classificatórios da Companhia em relação aos seus membros.

Em finais de 1722, o padre Pereira foi convocado da sua missão na Índia para levar ao rei d. João V as pretensões da Sociedade face às conflituosas ações do Arcebispo de Goa, o frei agostiniano d. Inácio de Santa Teresa. Partiu de Goa a 6 de janeiro de 1723 na nau *Nossa Senhora Aparecida*, a qual teve de estacionar por sete meses na Bahia, de onde só saiu em dezembro; em carta a um companheiro não identificado, o padre Pereira adjetivou essa escala como “molestíssima” (ARSI, Goa 9 II, fl. 588). Chegou em Lisboa a 2 de março de 1724, aí permanecendo apenas o tempo necessário para se desincumbir de sua missão e reembarcar na monção seguinte. De regresso a Goa, em abril de 1725, adoeceu, sendo forçado a desembarcar em Moçambique; aí permaneceu até falecer, em 21 de setembro de 1727 (Fejér, 1988: III, I-M).

Que importância tem esse jesuíta desconhecido e de nome tão banal, que transitou entre Índia, Moçambique, Bahia e Lisboa?

Sabemos que logo após sua chegada na Índia, em 1721, o arcebispo d. Inácio de Santa Teresa se indispôs com os jesuítas, com o vice-rei, mas também com outros religiosos e clérigos canarins e até mesmo com freiras. Nesse contexto, os padres jesuítas deliberaram abandonar as igrejas da região de Salsete, deixando-as vagas para que d. Inácio as provesse. O arcebispo, por sua vez, não envidou quaisquer esforços para impedir a devolução das igrejas, apressando-se em publicar que melhor estariam sem os padres jesuítas as paroquiando (Mendes, 2015: II, 15 ss). Foi nessas circunstâncias que a Companhia de Jesus designou o padre José Pereira para ir a Lisboa expor ao rei as razões e pretensões da ordem de Santo Inácio na Índia.

Num império de dimensões gigantescas e fragmentado, como o português, em que as distâncias eram um fator intrínseco à governação, a ida para Lisboa de alguém que atuasse na Ásia (e fosse suposto retornar) só ocorria em situações excepcionais. Para a troca de informações, consultas, decisões etc., o meio de comunicação oficial privilegiado eram as cartas, com suas segundas vias. Embora sujeitas a naufrágios, falsificações, roubos e extravios, ainda assim se mostravam menos vulneráveis – e, por vezes, mais velozes – que os próprios mensageiros. Nesse caso, por exemplo, o padre Pereira partiu de Goa no início de 1723, chegou a Lisboa em março de 1724 e as respostas às demandas da Companhia, cujas respostas deveria trazer de volta, apesar de terem saído céleres da corte (em abril do mesmo ano), alcançaram seu destino apenas em finais de 1725, ou seja, dois anos e meio após as consultas, quando a situação na Índia já se alterara imensamente.

Em sua ida para Lisboa, Pereira estaciona em Salvador, onde encontra documentos relativos às contendas do Arcebispo em Goa na mão de membros da futura Academia Brasílica dos Esquecidos (BNP, cod. 13185, fl.103-103v), a qual seria fundada em março de 1724 pelo vice-rei do Brasil, dom Vasco Fernandes César de Menezes, outrora vice-rei da Índia (1712-1717). A presença na Bahia de documentos relativos às disputas eclesiásticas no Estado da Índia é demonstrativo do interesse dos letrados da capital do Brasil pelos acontecimentos que ali ocorriam.

À sua chegada em Lisboa e em nome da Província jesuítica de Goa, o padre Pereira oferece um *Memorial* ao rei, em que pede que aceite a renúncia da administração de Salsete pelos padres da Companhia, uma vez que a cristandade ali se encontra

consolidada e já não era possível continuar a administrar as igrejas do lugar, uma vez que o arcebispo pretendia exercer sua jurisdição sobre o clero regular, bem como sobre os clérigos nativos, usurpando direitos que eram da Companhia (ARSI, Goa 9 II fls. 580-81v). Como d. João não acolhe a petição, o padre escreve um segundo *Memorial* (ARSI, Goa 9 II fls. 582-83), que consiste em um pedido de reconsideração, baseado na defesa do compromisso do Padroado: privilégio concedido pela Santa Sé segundo o qual o rei de Portugal – além de enviar missionários para as terras descobertas, sustentar a Igreja nestas terras e arrecadar dízimos – tinha o direito de alocar e deslocar bispos. Os estatutos da Companhia de Jesus, por sua vez, permitiam a seus membros se submeter apenas ao Geral da Ordem e ao próprio Papa, isentando-os da obediência a bispos e arcebispos. Era sob esse argumento que o padre José Pereira requeria que: ou a Companhia pudesse abandonar as igrejas que estavam a seu cargo na Índia, pois o Arcebispo se intrometia em sua jurisdição; ou, se as mantivesse, que os jesuítas não precisassem se submeter a suas ordens, o que competia ao Rei determinar.

O padre Pereira fracassou em sua missão, e em retorno à Índia, como Superior dos jesuítas (Franco, L. 4, cap XII, fl.274v), sofreu uma espécie de apoplexia na nau, desembarcando em Moçambique. Aí, possivelmente no colégio de São Francisco Xavier, escreve duas cartas ao Conde do Unhão, residente em Lisboa (cod. CXX/2-3, fls. 22-24; 26). Entre outros assuntos, comunica-lhe a remessa de algumas curiosidades botânico-medicinais, das muitas que então eram enviadas à Europa. O padre Pereira inscreve-se assim naquele numeroso conjunto de jesuítas que, seja no Brasil, seja na Afro-Ásia, circulavam saberes e práticas de experimentos naturais, estabelecendo boticas e enfermarias nos colégios de Goa e Macau, do mesmo modo que na Bahia, Rio de Janeiro e Maranhão.

Acossada pelo fim do Padroado e pelo predomínio de outras ordens religiosas junto ao Papa, nomeadamente a *Propaganda Fide*, a Companhia de Jesus será suprimida pouco tempo mais tarde, na Ásia, na Europa e na América. E, após a morte do rei D. João V (em 1750), Portugal passa a contar pouco, sendo substituído, no moderno colonialismo e na geopolítica mundial, por nações não ibéricas – vale dizer, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália. O padre José Pereira foi uma das testemunhas do momento anterior, quando, pertencentes ao chamado Império Português, Índia e Brasil estavam ligados pelas naus da Carreira.

Referências bibliográficas:

Fontes:

Catalogus per dotes, et qualitatis sociorum tantum modo pertinentium ad Provinciam Goanam. In: *Goana e Malabarica*. Ms. ARSI, Goa 25; Goa 26.

Carta de José Pereira de Lisboa, 6/3/724. In: *Goana e Malabarica*. Ms. ARSI, Goa 9 II.

FEJÉR, Josephus. *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu* (1641-1740). Roma: Institutum Historicum S.J. 1988.

FRANCO, Antonio. *Imagem do Segundo Seculo da Companhia de Jesu Na provincia de Portugal, em q[ue] se contem, o q[ue] nella ouve, e se obrou nos Segundos sincoenta annos Começa do anno de 1691*. Ms. BNP, 1728.

ARQUIVO MUNICIPAL DE ÉVORA, cod. CXX/2-3.

Reflexões declarativas do manifesto do procedimento do Arcebispo de Goa. In: *Varios discursos em que se censurão algumas propoziçoens contra o Arcebispo primás de Goa D. Fr. Ignacio de Santa Thereza, e outros a seu favor*. Ms. BNP, cod. 13185.

Estudo:

Mendes, José Maria. *Inácio de Santa Tereza, o percurso de um arcebispo polêmico*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, 2015. 2 vols.